

# A IMAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E HISTÓRIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Fernanda da Silva Oliveira<sup>1</sup>

Karinne Machado Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Desde a nossa origem, a imagem acompanha a evolução da humanidade como um signo que possibilita a construção e a transmissão de saberes, principalmente dentro do ambiente escolar. Na atualidade elas se apresentam de maneira cada vez mais elaborada e graças às novas tecnologias, possuem uma capacidade de disseminação cada vez mais rápida. Assim, o presente trabalho pretende fazer uma breve discussão sobre a riqueza e os problemas que envolvem as fontes iconográficas no Ensino das disciplinas de Língua Portuguesa e História. Além dessa discussão das disciplinas, o artigo pretende apontar para a problemática da imagem na sociedade contemporânea. Compreende-se que o uso das imagens no ensino tem grande possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o presente-passado e aumentar a perspectiva interdisciplinar já que é possível localizar objetos da cultura material, da arquitetura, das relações que envolvem gênero, sociedade e poder nas imagens fotográficas. Entendemos que a imagem conecta conhecimento histórico e produção textual. Entretanto, apesar da riqueza e a pluralidade de leituras proporcionadas pelas imagens fotográficas, devemos ter, na condição de professores, um instrumental de análise que evite anacronismos e erros de leitura da imagem. Esse cuidado com a fonte visual é imprescindível, pois, temos de estar atentos ao código imagético que carrega profundas diferenças com as fontes escritas. Desse modo, busca-se nesse trabalho abrir espaços de discussão sobre imagem enquanto suporte e objeto de conhecimento escolar, refletir sobre suas particularidades e fornecer subsídios para que professores possam enriquecer o trabalho em sala de aula, auxiliando na construção da criticidade dos alunos.

---

<sup>1</sup> [fernandahgg@hotmail.com](mailto:fernandahgg@hotmail.com), professora do Instituto Federal de Goiás (IFG);

<sup>2</sup> [histka25@hotmail.com](mailto:histka25@hotmail.com), professora do Instituto Federal de Goiás (IFG);

## **A IMAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E HISTÓRIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS**

No atual contexto do ensino brasileiro vivemos dias em que, mais do que nunca, as disciplinas dialogam entre si. A própria LDB/1996 propõe um currículo interdisciplinar e traz como objetivos do Ensino Médio: a consolidação das aprendizagens do Ensino Fundamental e a continuidade dos estudos; o aprimoramento das habilidades cognitivas, visando à autonomia intelectual e a compreensão dos conteúdos acadêmicos. Tais objetivos são efetivamente cobrados na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), principal acesso ao Ensino Superior Brasileiro.

Fomentar tal cenário dentro de sala de aula é um constante desafio aos professores. Faz-se necessário então, construir um currículo interdisciplinar que propicie condições para o estudante aplicar os conhecimentos adquiridos dentro e fora de sala de aula.

Um valioso recurso para dialogar entre as disciplinas que compõem o currículo escolar é o uso de imagens como mecanismo no processo de ensino-aprendizagem. Como uma importante ferramenta que auxilia para a comunicação de ideias, a imagem contribui para a leitura crítica nas aulas de Língua Portuguesa e História.

O ensino de Língua Portuguesa, principalmente durante o Ensino Médio, compreende minimamente, três eixos de trabalho (literatura, gramática e produção textual) e a imagem é elemento frequente em qualquer material de estudo de tais eixos.

Já no ensino de História a imagem ajuda de modo significativo na concretização dos conceitos que são a princípio abstratos. Além disso, a imagem contribui para que o aluno se envolva com os cenários, personagens e situações que inicialmente parecem distantes na temporalidade do passado.

Seja na aula de Literatura, gramática ou produção textual, as imagens estão sempre presentes. Charges, tiras humorísticas, histórias em quadrinhos, cartuns, campanhas publicitárias, cartazes, telas, entre vários outros vêm auxiliar na relação teoria-prática, bem como, às vezes, ser o próprio objeto de estudo quando se trata do estudo de gêneros textuais.

O mesmo ocorre nas aulas de História, onde as imagens estão constantemente presentes nos livros didáticos e também nos materiais de apoio. Vale ressaltar que

consideramos que as imagens podem ser fixas ou móveis, como no caso de filmes e documentários.

Segundo Lúcia Santaella e Winfried Noth (2008), a imagem visual é um dos meios de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas nas cavernas. Podemos compreender, então, que a imagem visual foi um dos primeiros tipos de linguagem que contribuiu na manifestação expressiva do homem em se comunicar e de se identificar, ou seja, a produção da imagem visual nunca existiu de maneira gratuita, desde sempre, reflete uma cultura a cada momento histórico.

### **A imagem como forma de comunicação e linguagem**

Desde os seus primórdios, a imagem fotográfica sempre se distinguiu por apresentar a singularidade de interromper, no tempo e no espaço, um pequeno fragmento da realidade. Como uma expressão das artes visuais, quando entendida na sua forma plástica, a fotografia assume diferentes funções, ora como recurso ilustrativo, ora como propaganda, ora como manifestação artística, para citar apenas alguns exemplos.

Quando entendida não apenas na sua forma plástica, mas conjugada a valores sociais e aos campos de força presentes na sociedade, pode se tornar uma importante ferramenta na construção do conhecimento. Tão carregada de discurso quanto o texto escrito, a imagem é suporte de representações sociais, capaz de comunicar ao espectador valores correntes, pois, antes de qualquer coisa, ela é sempre uma *mensagem para o outro* (JOLY, 1996).

Portadora de discursos tanto quanto o texto escrito, a imagem é suporte de representações e valores sociais. Constituindo-se em ferramenta de comunicação de idéias, conceitos, visões de mundo e preceitos. Por isso sua importância para o mundo contemporâneo e como documento histórico que pode ser utilizado em sala de aula.

### **Função explicativa da imagem**

Não é recente o uso de imagem no ensino de Língua Portuguesa e História. As mesmas servem de recurso no ensino das referidas disciplinas há bastante tempo. No livro didático elas estão inseridas de modo abundante e com um excelente tratamento editorial.

As editoras investem no aprimoramento visual das imagens, o que pode ser melhor observado nas coleções elaboradas a partir da década de 1990. Entretanto, tal aprimoramento não vem acompanhado de uma preparação específica para os professores usufruírem de tal material, extrapolando suas diversas possibilidades de uso. Mesmo a escola tendo outros meios que permitem a projeção das imagens através do data-show, aparelhos de DVD e salas de informática, isso não significa que as imagens são aproveitadas tanto quanto deveriam.

Desse modo, o problema não está em somente incluir imagens no ensino das disciplinas de Língua Portuguesa e História. Mas torná-las um objeto de conhecimento dentro do processo ensino-aprendizado. Compreender suas potencialidades e limites, ou seja, sair do uso apenas ilustrativo ou como mais um recurso para reforçar o texto escrito. É importante reconhecer seu caráter explicativo da realidade.

Historicamente a imagem já cumpre a sua função explicativa da realidade. Durante diferentes períodos históricos as imagens foram utilizadas como ferramentas de memorização. No período medieval, por exemplo, onde a grande maioria dos indivíduos era analfabeta, a Igreja Católica utilizava de recursos imagéticos para transmitir seus preceitos, valores, regras e verdade.

A utilização das imagens como função ideológica e pedagógica das massas é muito antiga. Na Idade Média, por exemplo, a iconografia tinha função educativa primordial nas sociedades letradas. No medieval, as imagens são compreendidas como um texto, um discurso. Uma cena representando Adão, Eva e a serpente no Paraíso tem relação direta com a cultura religiosa do período, significando a Queda do homem, a mundanidade do corpo e do sexo, a inferioridade e demonização da mulher, a punição divina para a desobediência humana. (SILVA, 2010, p. 175)

Ainda hoje a imagem dita, em grande medida, o que deve ser consumido, imitado ou apreendido. O comportamento social é demasiadamente condicionado pelo consumo dos diferentes suportes de imagens. Diferentemente, é claro, da Idade Média que a Igreja era a maior produtora de imagens que circulavam na sociedade, atualmente é o sistema capitalista que gera imagens que devem ser consumidas e assimiladas.

Neste ponto, podemos sair do uso das imagens em sala de aula e afirmar que o papel social do ensino não está apenas em problematizar as imagens utilizadas no material didático, mas contribuir para uma leitura, por parte dos alunos, mais atenta e orientada das mensagens

transmitidas em diferentes imagens contemporâneas, imagens como as televisivas, os outdoors, mídias impressas, propagandas e filmes, entre outros.

O aluno ao se deparar com as imagens no seu dia-a-dia não consegue, na grande maioria das vezes, distinguir verdade de ficção, construção figurativa da realidade e realidade vivida. Ironicamente, existe um *analfabetismo visual* num mundo saturado de imagens.

Segundo os pesquisadores Fernando Cesar Sossai e Geovana Lunardi Mendonça Mendes:

Nos últimos anos, com a expansão desenfreada das tecnologias da comunicação e informação, travestidas sob a ideia de “novas tecnologias”, tem crescido assustadoramente o número de produções simbólicas que se apropriam de imagens com a intenção de “recontar” o passado. Campanhas publicitárias preocupadas com a origem histórica de um produto e de uma marca, filmes e novelas de época, jogos de computador alusivos aos tempos pretéritos, endereços eletrônicos na internet, dentre outros, exemplificam algumas das maneiras como história tem sido usada e abusada nestes tempos de globalização. (SOSSAI, MENDES s/d, p. 01).

Nesse sentido, a discussão sobre a importância das imagens transcende ao livro didático ou aos materiais pedagógicos. O uso de imagens precisa ser melhor problematizado.

### **Uso das imagens em sala de aula**

É importante frisar que as renovações na perspectiva de ensino e aprendizagem acompanharam novas tendências. As questões culturais passaram a ser analisadas dialogando com outras áreas das ciências humanas como a Língua Portuguesa, a História e demais áreas do conhecimento. Nessa nova perspectiva interdisciplinar novas perguntas sobre o passado foram lançadas obrigando os historiadores a buscar novos tipos de fontes e documentos que superassem a ênfase dada aos documentos escritos (BURKE, 1992). Portanto, quando se fala no uso de imagens pelo ensino de História não se trata de um movimento isolado do debate historiográfico.

Tais renovações também contemplam a disciplina de Língua Portuguesa no que diz respeito ao trabalho com as imagens. Entendemos que o contexto mudou. O uso das imagens durante as aulas extrapola a função ilustrativa.

Hoje, cabe (principalmente e não só) ao professor de Língua Portuguesa, através de discussões, refletir sobre o processo de produção, distribuição e recepção da imagem. Chamar a atenção para as possíveis condições de produção, as intenções (implícitas e explícitas) de quem produziu, a época, o lugar, o destinatário, entre outros, são fatores a serem considerados para a análise de qualquer texto ou imagem. Acreditamos que através de tal exercício, considerando o uso das imagens como uma das formas de linguagem (seja ela verbal ou não-verbal) em sala de aula, podemos levar os alunos ao desenvolvimento de uma postura crítica em relação ao seu meio.

Ao analisar uma imagem o aluno deixa de ocupar o lugar de somente receptor e passa ao papel de interlocutor, responsável por buscar sentidos e estabelecer ou até mesmo interagir com os possíveis discursos presentes na imagem.

Vale ressaltar ainda o importante papel que as imagens desempenham quanto à imaginação e inspiração para o processo de criação, produção e escrita. Como exemplo disso, podemos citar que as mesmas frequentemente aparecem junto aos textos de apoio para a prova de redação do ENEM ou em demais questões. O constante uso de imagens no exame é uma alternativa para aproximar as questões do cotidiano dos alunos. Segundo especialistas no exame, as imagens são mais do que elementos gráficos, tornando-se uma peça chave para a resposta correta.

Em sala de aula e / ou no processo pedagógico o uso de imagens deve estar inserido em atividades orientadas para a análise interna e externa. Chamamos de análise interna os elementos formais da imagem, como a simetria, a harmonia dos elementos figurativos (personagens, objetos da cena, composição e paisagem), ângulo, closet, equilíbrio e demais recursos formais da imagem. Já por análise externa entendemos a contextualização da imagem, ou seja, inseri-la no contexto de produção e circulação. Nesse ponto, temos que ponderar que toda imagem teve uma determinada circulação no mundo social em que ela foi produzida. É importante que o aluno esteja atento se a imagem esteve presente nos jornais, nas revistas, nos cartões-postais, nos álbuns da cidade ou de família.

É importante ainda dizer que a linguagem escrita e a visual fazem parte da sociedade contemporânea e se interagem de modo simultâneo. Acreditamos que, portanto, a História e Língua Portuguesa podem dialogar, pois se o conhecimento histórico contribui na análise externa, a Língua Portuguesa é imprescindível para que o aluno formule narrativas capazes de conectar as temporalidades do presente-passado.

Sendo assim, a imagem somente poderá ser considerada uma autêntica fonte de informação, de pesquisa e de conhecimento se for explorada de modo sistematizado e articulada ao texto.

Desse modo, quando é devidamente orientada a imagem pode servir de base para aluno perceber diferenças e semelhanças entre épocas, culturas e lugares distintos. Pode contribuir na construção de pontos de vista diferentes sobre determinado fato histórico, pode confrontar as informações imbricadas na imagem e as informações trazidas por outras fontes.

Para poder pensar de maneira mais significativa o uso da imagem no ensino de história, faz-se necessário refletir, primeiro, sobre como o aluno constrói seu conhecimento histórico [...]. Adquirir conhecimento histórico implica em se ter domínio do próprio conteúdo histórico bem como na reflexão e análise das formas de como ele foi elaborado, veiculado e preservado até nossos dias. Pode-se afirmar que conhecer é ter capacidade de estruturar, relacionar, organizar, sistematizar as informações que se tem e perceber como essas relações estruturam a realidade. As atividades de aprendizagem, assim como os objetivos das aulas, não podem se resumir a reproduzir conhecimentos para apenas memorizar e depois repetir. Todo conhecimento deve ser pensado no sentido de sua redescoberta ou redefinição. Para isso, faz-se necessário trabalhar dialeticamente, construindo o conhecimento numa relação entre professor, aluno, objeto e realidade. Nessa relação, o professor deve ser o mediador entre o educando, o objeto do conhecimento e a realidade, buscando (LITZ, 2008, p.11).

Tomada como um instrumento de pesquisa em sala de aula, a *imagem* amplia as possibilidades de conhecimento do passado e do presente, as experiências, e até mesmo a leitura dos alunos sobre a sociedade.

Além disso, a imagem possibilita despertar a curiosidade do aluno e um entendimento mais claro do contexto histórico. Na medida em que retrata personagens, cenas, objetos da cultura material, vestimentas, que ajudam na identificação do passado remoto. Entretanto, a imagem não é neutra e nem fala por si mesma.

Para o historiador Artur Freitas, descrever “[...] uma imagem como coisa é vê-la como artefato, resultado de um trabalho que teve circulação, construiu um circuito de relações com outras ‘coisas’ e eventualmente engendrou valores” (FREITAS, 2004, p.13). Nessa linha de

pensamento, a fotografia é considerada na sua especificidade, que é a de linguagem visual, parte constitutiva da esfera social que a produziu.

Em consonância com a perspectiva de tomar a fotografia como artefato, o historiador Ulpiano T. Bezerra de Menezes define

O artefato é um segmento da natureza socialmente apropriado, ao qual se impôs forma e/ou sentido. Espaços, estruturas, objetos [...], todavia, foram produzidos por forças que não é possível excluir do entendimento: forças econômicas, territoriais, especulativas, políticas, sociais, culturais, em tensão constante num jogo de variáveis [...]. Em última instância, o artefato é sempre produto e vetor deste *campo de forças* nas suas configurações dominantes e nas práticas que ele pressupõe. (MENEZES, 1996, p.149).

A imposição de sentidos ao artefato, no caso a fotografia, ocorre porque a identificação dos conteúdos implícitos numa imagem depende fundamentalmente do contexto de sua apresentação; dos propósitos do seu autor; do seu suporte; da abrangência de sua circulação; dos discursos escritos, orais e visuais que a cercam. Tudo isso determina, em larga medida, o alcance de suas mensagens.

Interpretar fontes históricas que não sejam escritas, como é o caso da imagem fotográfica, exige que o professor em sala de aula não deixe de considerar as mensagens implícitas nas imagens. Por isso, afirmamos que a imagem jamais é neutra.

A partir do momento que a imagem é considerada como artefato socialmente apropriado e como documento histórico, é importante atentar para os procedimentos no uso desse tipo de fonte em sala de aula, como já mencionado nas análises interna e externa.

Os procedimentos metodológicos são importantes para que possamos evitar que o uso das imagens se torne banal ou um mero recurso ilustrativo ou ainda, um reforço de uma ideia escrita. A potencialidade da imagem está justamente na exploração da sua visualidade.

Para isso temos que estar atentos para as características das obras ou imagens com as quais iremos trabalhar. Identificar artistas, fotógrafos, técnicas utilizadas, o momento histórico em que foram realizadas, a circulação dessas imagens e a recepção na sociedade são procedimentos fundamentais para um trabalho iconográfico.

Ao identificar as características da obra caracterizamos a especificidade do documento visual (cores, formas, estrutura icônica, elementos figurativos). Pois, diferentemente do documento escrito, cujo código e a estrutura são conhecidos dos alunos, o documento visual precisa ser melhor explicado na sua composição.

Além de ressaltar os elementos icônicos da obra (aqui entendemos a fotografia também como obra), é de suma importância localizar os autores (pintores e fotógrafos). A história de vida e o momento histórico dos produtores das imagens contribuem para um melhor entendimento das informações contidas nas obras.

Como artefatos, as imagens, tiveram circulação e recepção social. Documentos escritos podem contribuir para a verificação do consumo das imagens históricas. Esse consumo, reflete a circulação e a recepção e contribui para uma ideia mais aproximada do impacto, influência da imagem – abordada em sala de aula- na sociedade que a produziu.

Segundo a autora Valesca Giordano Litz (2009) quando trabalhamos com uma imagem é importante, também, colocarmos em pauta alguns questionamentos como: *quais conceitos quero passar os alunos? Quais relações esses alunos poderão estabelecer com seu próprio contexto histórico-social? Que relações posso estabelecer entre a imagem analisada e a produção de um texto?*

Ao trabalhar com esses questionamentos alcançamos melhor a potencialidade das imagens e saímos do uso ilustrativo, além de ligarmos imagem-texto. Tal ligação é primordial no aprofundamento do caráter explicativo da imagem. Tanto do que ela diz quanto do que ela omite, pois, os silêncios da imagem são tão ou mais problemáticos do que aquilo que ela apresenta.

Quando operamos com as referências do não-dito, daquilo que a imagem silencia, avançamos na leitura das imagens. Isso porque diferentemente do que muitos acreditam as imagens não falam por elas mesmas. A natureza estética da imagem pede, na grande maioria das vezes, uma análise mais detalhada e a leitura mais aprofundada.

Segundo a historiadora Ana Helena Molina

A linguagem visual não é universal. Seus significados obedecem a um sistema de representações que se orientam por convenções, que implica o exercício estruturado de (de)codificação. Entre a imagem e o que se representa, existe uma série de mediações, que não restituem o real, mas,

reconstrói voluntária ou involuntariamente, a apreensão do real. (MOLINA, 2007, p. 23).

Desse modo, a leitura imagética não é um simples ato intuitivo. Para compreender o conteúdo das imagens temos que nos ater ao exercício da pesquisa, leitura, escrita e oralidade. A complementariedade das diferentes linguagens contribui para o entendimento das mediações da imagem.

Também devemos considerar as ambigüidades e contradições entre a imagem, o texto escrito e o contexto social em que a imagem foi produzida. Não podemos tomar a imagem visual como neutra ou atribuímos a conceituação verbal dos conteúdos trazidos pela imagem como algo ausente de tensões (MOLINA, 2007).

Portanto, o trabalho com fontes visuais em sala de aula deve ser orientado no sentido de pensar as (re)construções da realidade, as diferentes interpretações e visões do presente sobre o esse passado.

## Referência Bibliográfica

BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

BRASIL, LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em < [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) > Acesso em 10/09/2015.

BRASIL, PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em < [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) > Acesso em 10/09/2015.

BURKE, Peter (Org). Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro. In: A Escrita da História. Novas Perspectivas. Tradução: Magda Lopes – São Paulo: Editora UNESP, 1992.

FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. In: Revista Estudos Históricos. História e Imagem. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, nº. 34, jul-dez, pp. 3-21, 2004.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas (SP): Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Morfologia das cidades brasileiras. Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. Revista da USP. São Paulo: n.30, pp.144-153, 1996.

----- Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo: v.23, n.45, pp.11 - 36,2003.

----- Rumo a uma “História Visual”. In: O imaginário e o poético nas Ciências Sociais. MARTINS, José de Souza; MOLINA, ANA HELENA. In: Domínios da Imagem, Londrina, Ano I, N. 1, p. 15-29, NOV. 2007.

PAIVA, Eduardo França. História & imagens – 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTAELLA, LÚCIA; NÖTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica e mídia. 1ª ed. – São Paulo: Iluminuras, 2008.

Sites de pesquisa

[http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum22\\_art05\\_silva.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum22_art05_silva.pdf)

[http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Fernando%20Sossai\\_%20Geovana%20Mendes.pdf](http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Fernando%20Sossai_%20Geovana%20Mendes.pdf)

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-8.pdf>

<http://www.mec.gov.br>